



Teorias da aprendizagem e o processo de ensino: ensino religioso e redes de apoio social em crianças autistas

*Learning theories and the teaching process:
Religious Education and Social Support Networks in Autistic Children*

Hélder Vieira de Jesus⁵⁷⁰

Doutorando no PPG de Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória

Resumo: O presente estudo delimitou como problema de investigação a seguinte questão: Qual a importância das redes de apoio social como elemento fundamental na vida de crianças autistas que apresentam dificuldades de aprendizagem? A fim de responder a esta questão e possibilitar uma compreensão maior da temática, delimitou-se como objetivo geral discutir a importância das redes de apoio social como mediadoras no desenvolvimento de crianças autistas que possuem dificuldades de aprendizagem. Mais especificamente, pretende-se: conceituar dificuldades de aprendizagem; especificar quais são as principais redes de apoio social na infância; demonstrar como as redes de apoio social são relevantes na vida das crianças; apresentar a importância das redes de apoio social em situações de crianças autistas com dificuldades de aprendizagem. Como método, adotou a revisão bibliográfica, esta forma de pesquisa busca entrar em contato com assuntos e outros estudos que foram feitos, se aproximando do tema escolhido. As conclusões mostraram que se observou que o apoio fornecido pelas redes sociais a alunos autistas tem sido significativo no suporte às famílias com baixa vulnerabilidade social, devido à influência das mesmas sobre o desenvolvimento e bem-estar das pessoas no decorrer das suas vidas. Assim, a rede de apoio social é um conjunto de sistemas e de pessoas significativas, que compõem os elos de relacionamento recebidos e percebidos do indivíduo.

Palavras-chave: Apoio Social. Ensino Religioso. Aprendizagem. Autista.

Abstract: The present study defined the following question as a research problem: How important are social support networks as a fundamental element in the lives of autistic children who have learning difficulties? In order to answer this question and enable a greater understanding of the topic, the general objective was to discuss the importance of social support networks as mediators in the development of autistic children who have learning difficulties. More specifically, the aim is to: conceptualize learning difficulties; specify which are the main social support networks in childhood; demonstrate

⁵⁷⁰ Mestre e Doutorando em Ciências das Religiões pelo PPGCR-FUV. Graduado em Educação Física pela Universidade Estácio de Sá, em Pedagogia pelo Centro Universitário Claretiano, especialização em Ensino Religioso Escolar também pelo Claretiano. Atualmente é professor de Ensino Religioso na Prefeitura Municipal de Vila Velha, professor de Educação Especial na Prefeitura Municipal de Cariacica e Professor Personal trainer.

how social support networks are relevant in children's lives; present the importance of social support networks in situations of autistic children with learning difficulties. As a method, it adopted bibliographical review, this form of research seeks to get in touch with subjects and other studies that have been carried out, approaching the chosen topic. The conclusions showed that the support provided by social networks to autistic students has been significant in supporting families with low social vulnerability, due to their influence on the development and well-being of people throughout their lives. Thus, the social support network is a set of systems and significant people, which make up the relationship links received and perceived by the individual.

Keywords: Social Support. Religious education. Learning. Autistic.

Introdução

Este estudo aborda o papel das redes de apoio social como mediadoras no desenvolvimento de crianças autistas que enfrentam dificuldades no aprendizado. Para isso, a pesquisa inicialmente buscou compreender dois conceitos fundamentais relacionados ao tema: dificuldades de aprendizagem e redes de apoio social.

Questões associadas à autorregulação, interação e percepção social podem estar relacionadas a essas dificuldades, mas não são consideradas por si só uma barreira ao aprendizado⁵⁷¹. A definição dessas dificuldades é influenciada pelo quociente de inteligência (QI) e está relacionada a variáveis internas e externas, que podem impactar nas áreas cognitivas, afetivas, sociais e criativas⁵⁷².

De acordo com Felipe e Benevenitti, essas dificuldades estão relacionadas a aspectos psicológicos e/ou socioculturais, não sendo exclusivamente centradas na criança, pois podem ser identificadas em crianças cujas dificuldades de aprendizagem não são decorrentes apenas de problemas neurológicos. Isso implica que fatores ambientais, como problemas na escola ou na família, também desempenham um papel importante. As dificuldades de aprendizagem podem ter origem primária ou secundária. A origem primária está relacionada a fatores que não são de ordem psiconeurológica, como dificuldades em leitura, linguagem, escrita e matemática. A origem secundária está ligada a alterações biológicas, comportamentais e emocionais⁵⁷³.

No contexto da rede de apoio, segundo Bronfenbrenner, ela deve abordar as mudanças que ocorrem ao longo da vida, não apenas na pessoa, mas também em seu ambiente ecológico, em suas interações e em sua crescente capacidade de entender, sustentar ou modificar as características do meio e suas relações⁵⁷⁴.

Quanto à rede de apoio social, percebe-se que ela é um dos principais fatores determinantes para a resiliência. Segundo Siqueira et al., a rede de apoio social é um

⁵⁷¹ BRITTO, R.; KOLLER, S. H. Desenvolvimento humano e redes de apoio social e afetivo. In A. M. Carvalho (ed.). *O mundo social da criança: natureza e cultura em ação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999, p. 115-129.

⁵⁷² EVANGELISTA, V.M.A.; CONSTANTINO, E.P. A relevância das redes de apoio social na infância. *Estudos*, v. 17, p. 217-232, 2013.

⁵⁷³ FELIPE, S.M.; BENEVENUTTI, Z.S. Dificuldade de Aprendizagem. *Maiêutica*, v. 1, n. 1, p. 61-64, 2013.

⁵⁷⁴ BRONFENBRENNER, U. *A ecologia do desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

conjunto de sistemas e pessoas significativas que compõem os laços de relacionamento percebidos e recebidos pelo indivíduo⁵⁷⁵.

O suporte fornecido pelas redes sociais tem sido objeto de estudo na Psicologia, devido à sua influência no desenvolvimento e bem-estar subjetivo das pessoas ao longo de suas vidas. O componente afetivo foi incorporado a esse conceito, reconhecendo o valor incontestável do vínculo afetivo para a formação e manutenção do apoio e proteção. O apoio social está relacionado às relações que uma pessoa estabelece na vida, podendo influenciar significativamente a definição de sua personalidade e desenvolvimento⁵⁷⁶.

Diante desse contexto, o presente estudo definiu como problema de pesquisa a seguinte questão: Qual é a relevância das redes de apoio social como elemento fundamental na vida de crianças autistas que enfrentam dificuldades de aprendizagem?

Para responder a essa pergunta e proporcionar uma compreensão mais aprofundada do tema, o objetivo geral foi discutir a importância das redes de apoio social como mediadoras no desenvolvimento de crianças autistas que enfrentam dificuldades de aprendizagem. Especificamente, pretende-se conceituar as dificuldades de aprendizagem, especificar as principais redes de apoio social na infância, demonstrar a relevância das redes de apoio social na vida das crianças e apresentar a importância das redes de apoio social em situações envolvendo crianças autistas com dificuldades de aprendizagem.

A justificativa para o tema está no fato de que a importância atribuída aos problemas de aprendizagem tem levado escolas e famílias a se preocuparem e buscarem soluções para eles. Essa preocupação tem aumentado, pois tais problemas se tornam mais evidentes nas escolas, onde há uma forte ligação entre desempenho acadêmico e sucesso profissional. Esses aspectos se tornam parte da demanda escolar, e muitas crianças que não se encaixam nos padrões “naturais” de aprendizagem são encaminhadas e atendidas por psicólogos, pediatras, psiquiatras, neuropediatras e outros profissionais que avaliam essas questões⁵⁷⁷.

Quanto ao método, foi adotada a revisão bibliográfica, que busca explorar diferentes aspectos e estudos relacionados ao tema escolhido. Assim, de acordo com os autores mencionados, a pesquisa bibliográfica não se limita a repetir o que já foi dito ou escrito sobre um determinado assunto, mas busca examinar um tema sob novas perspectivas, enfoques ou abordagens, com conclusões diversas e inovadoras⁵⁷⁸.

A coleta de dados e informações foi realizada por meio de livros e em bancos de dados como Scielo (Scientific Electronic Library Online), PePSIC (Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia), Portal de Periód

⁵⁷⁵ SIQUEIRA, Aline Cardoso; BETTS, Mariana Kraemer; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. A Rede de Apoio Social e Afetivo de Adolescentes Institucionalizados no Sul do Brasil. *Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology*, v. 40, n. 2, p. 149-158, 2006.

⁵⁷⁶ BRONFENBRENNER, 1996, p. 34.

⁵⁷⁷ OHLWEILER, L. Introdução aos transtornos da aprendizagem. In: ROTTA, N.T., OHLWEILER, L., RIESGO, R.S (orgs.). *Transtornos da aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar*. Porto Alegre: Artmed, 2016.

⁵⁷⁸ MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*. São Paulo: Atlas. 2007, p. 28.

1 Revisão de literatura

1.1 Uma compreensão do que é o autismo no espaço escolar

As causas do Autismo ainda não são completamente compreendidas, mas há várias teorias, sendo a mais amplamente aceita a teoria multifatorial. Ela sugere que fatores genéticos, imunológicos (como a rubéola materna) e neurológicos (como encefalites e meningites) desempenham um papel na causa do autismo. Infelizmente, a inclusão de crianças com deficiência muitas vezes está relacionada apenas àquelas que não exigem uma reestruturação significativa ou adaptação da escola. Crianças com déficits cognitivos acentuados, como autistas e psicóticos, muitas vezes não são consideradas em termos de suas capacidades educacionais⁵⁷⁹.

Até o início de 2013, os manuais usados pelos profissionais para diagnosticar o autismo eram o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV) e a Classificação Internacional de Doenças (CID-10). Esses manuais usavam termos como Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD) e Transtorno Invasivo do Desenvolvimento (TID), respectivamente.

Atualmente, o DSM-V⁵⁸⁰ descreve esses casos como Transtorno do Espectro do Autismo, eliminando subcategorias como Síndrome de Asperger ou Transtorno Autista. De acordo com esse manual, pessoas com TEA apresentam déficits persistentes na comunicação, interação social e padrões restritivos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades.

O diagnóstico precoce é crucial para a educação, tornando o papel do professor fundamental. Durante a idade escolar, quando a interação social das crianças se intensifica, é possível observar com mais clarezas suas características comportamentais únicas. No ensino de alunos com espectro autista, não existe uma metodologia ou técnica específica. No entanto, há amplas possibilidades de aprendizado. O ensino não precisa estar rigidamente vinculado às funções formais ou aos limites predefinidos pelo currículo. A escola deve se conectar com a realidade do aluno, e um bom professor conhece melhor as habilidades e o trabalho de um aluno do que ninguém.

Conforme a visão de Cunha, o autismo engloba um conjunto de comportamentos agrupados em uma tríade principal: déficits na comunicação, dificuldades na interação social e comportamentos restritivos e repetitivos⁵⁸¹.

À medida que uma pessoa com autismo adquire experiências no mundo social, ela pode manifestar comportamentos estereotipados e singulares, pois o ambiente pode desencadear uma variedade de estímulos, resultando em reações mais impulsivas do que racionais. É essencial conhecer o aluno para estabelecer prioridades. O relatório das atividades escolares começa com uma avaliação para determinar suas habilidades e identificar quais habilidades ele precisa desenvolver. Dependendo do grau de comprometimento, podem ser necessários esforços para o desenvolvimento de habilidades básicas e motoras. O autismo, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), é definido como:

⁵⁷⁹ PIASSA, Ângela Maria. *Metodologia da ação docente: transtornos globais do desenvolvimento – TGD*. ESAP, 2010. p. 56.

⁵⁸⁰ DSM-V, 2014, p. 54.

⁵⁸¹ CUNHA, Eugênio. *Práticas Pedagógicas para Inclusão e Diversidade*. Rio de Janeiro: WAK, 2014, p. 20.

Um distúrbio do desenvolvimento, sem cura e severamente incapacitante. Sua incidência é de cinco casos em cada 10.000 nascimentos caso se adote um critério de classificação rigorosa, e três vezes maior se considerar casos correlatos isto é que necessitem do mesmo tipo de atendimento⁵⁸².

Por ser um transtorno sério, o autismo é frequentemente percebido como uma condição que incapacita os pré-adolescentes. É comum associá-los a uma psicologia limitada, embora enfrentem dificuldades intelectuais. O padrão de comportamento autista traz rigidez a diversos aspectos da vida diária, seja em atividades novas ou em rotinas e brincadeiras habituais. Isso pode se tornar um desafio para o ensino. Um mundo repleto de responsabilidades e surpresas pode ser perturbador e confuso para eles, daí a importância da segurança que encontram na rotina, que pode se transformar em uma ferramenta positiva, criando oportunidades para a aprendizagem.

As escolas inclusivas propõem um modelo para o sistema educacional que leva em consideração as necessidades de todos os alunos e é estruturado de acordo com essas necessidades. No entanto, na prática, nem sempre há planejamento e implementação de programas para diferentes alunos em ambientes da escola regular. Dentro dessa abordagem, uma criança com autismo pode ser incluída nesse ambiente, desde que seja estimulante e adequado às suas necessidades⁵⁸³.

O movimento de inclusão, tem como objetivo não deixar nenhum aluno fora do ensino regular desde o início da escolarização, propondo que a escola se adapte ao aluno. Segundo Mazzota:

Inclusão implica o compromisso que a escola assume de educar cada criança. Assim, a proposta de inclusão contempla a pedagogia da diversidade, pois todos os alunos deverão estar dentro da escola regular, independentemente de sua origem social, étnica ou linguística. Desse modo, para a implementação da inclusão, o modelo que se propõe é inspirado no caleidoscópio, no qual cada peça é importante para garantir a beleza e a riqueza do todo, ou seja, é desejável que na classe regular haja todo tipo de aluno para que o grupo se enriqueça. Para tal, a escola deve ser criativa para buscar soluções. Visando à manutenção desse aluno no espaço da sala de aula regular, levando-o a obter resultados satisfatórios em seu desempenho acadêmico e social.⁵⁸⁴

Observa-se, portanto, que o conceito de sociedade inclusiva está sendo gradualmente implementado em várias partes do mundo, como uma consequência natural do processo de aplicação dos princípios gerais dos direitos humanos em diversas áreas, como mercado de trabalho, lazer, recreação, esportes, turismo, cultura, religião, artes, família e educação.

Por fim, ao abordar os desafios e perspectivas da educação inclusiva, é

⁵⁸² MANTOAN, Maria Tereza Eglér. *Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?* São Paulo: Moderna, 2003, p. 13.

⁵⁸³ ASSUMPÇÃO JUNIOR, Francisco Bapatista; KUCZYNSKI, Evelyn. *Autismo Infantil*. 2 ed. São Paulo: Atheneu, 2018.

⁵⁸⁴ MAZZOTA, 1996, p. 45.

importante destacar que ao focar nos alunos com necessidades educacionais especiais, percebe-se que a desigualdade se legitima pela falta de igualdade nas condições e oportunidades de acesso, ingresso e permanência no sistema escolar.

1.2 As Teorias da aprendizagem para o aluno com deficiência (TEA)

Na abordagem psicopedagógica, é crucial identificar as preferências e interesses do aluno autista para criar estratégias de ensino adequadas. É possível estabelecer canais de comunicação que enriqueçam o processo pedagógico. O professor desempenha um papel importante ao oferecer incentivo e feedback positivo após a conclusão das tarefas, inclusive incorporando atividades em que o aluno já possui habilidades para manter o foco de interesse ao longo da experiência educacional⁵⁸⁵.

No mesmo contexto, ainda Kiguel, afirma que:

Historicamente a Psicopedagogia surgiu na fronteira entre a Pedagogia e Psicologia, a partir das necessidades de atendimentos de crianças com 'distúrbios de aprendizagem', considerada inaptas dentro do sistema educacional convencional. Esses fatores etiológicos utilizados para explicar índices alarmantes do fracasso escolar envolviam quase que exclusivamente fatores individuais como desnutrição, problemas neurológicos, psicológicos, etc.⁵⁸⁶

A distinção entre aprendizagem e desenvolvimento é esclarecida na obra "Biologia e Conhecimento" de Piaget. A aprendizagem está relacionada a conteúdos, enquanto o desenvolvimento está ligado a formas. Alguns teóricos argumentam que a aprendizagem contribui para o desenvolvimento, mas é importante distinguir o tipo de aprendizagem a que estão se referindo. Para Piaget, a aprendizagem influencia o desenvolvimento ao permitir que o sistema cognitivo encontre novas maneiras de interpretar a realidade à medida que aprende⁵⁸⁷.

Alguns estudiosos também defendem que a aprendizagem está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento, pois são processos muito semelhantes ou até idênticos. No entanto, há aqueles que veem a aprendizagem como um processo desequilibrante e fundamentalmente conflituoso, onde o indivíduo enfrenta e resolve conflitos cognitivos, criando assim alternativas e instrumentos mentais necessários para lidar com a situação em questão⁵⁸⁸.

A teoria de Piaget favorece essa última perspectiva, entendendo que a aprendizagem está profundamente entrelaçada ao desenvolvimento, pois leva o sistema cognitivo a descobrir novas maneiras de interpretar a realidade durante o processo de aprendizagem. Nesse contexto, conceitos como equilibração, tomada de consciência (conceituação), generalização indutiva e construtiva, bem como a formação de possibilidades, conforme abordados por Piaget, oferecem contribuições interessantes para aqueles interessados nessa interpretação do sistema cognitivo⁵⁸⁹.

⁵⁸⁵ BRITO, Maria Claudia. *Estratégias Práticas de Intervenção nos Transtornos do Espectro do Autismo*. Saber Autismo, 2019, p. 17.

⁵⁸⁶ KIGUEL, 1991, p. 22.

⁵⁸⁷ BRASIL. Ministério da Saúde. *Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA)*. Brasília: MS, 2013.

⁵⁸⁸ CUNHA, Eugênio. *Autismo e inclusão*. 3 ed. Rio de Janeiro: WAK, 2011.

⁵⁸⁹ PIAGET, 1986, p. 12.

Em termos de construtivismo, pode-se seguir o que é destacado por Cunha,

O processo de um diagnóstico psicológico de natureza clínica segue alguns passos para se chegar aos resultados finais. O primeiro deles é o levantamento de perguntas relacionadas com os motivos da consulta e a definição das hipóteses e objetivos do exame. Em seguida, fazem-se o planejamento, seleção e utilização de instrumentos para o exame. Há também a integração de dados, informações e formulação de interferências pela integração dos dados, tendo como ponto de referência as hipóteses iniciais e os objetivos. Encerra-se a avaliação com a comunicação dos dados obtidos e a orientação sobre o caso.⁵⁹⁰

Uma criança típica absorve conhecimento de forma natural, principalmente por meio de brincadeiras e interações com os pais, colegas e professores na escola. Durante essas interações, ela desenvolve habilidades motoras, cognitivas e sociais, formando suas impressões sobre o mundo à sua volta. Portanto, é crucial considerar que ao escolher e aplicar estratégias para pessoas com autismo, é necessário levar em conta suas variações individuais de habilidades e dificuldades relacionadas ao desenvolvimento social, linguístico, cognitivo e motor⁵⁹¹.

O construtivismo, inicialmente, ofereceu ferramentas para enfrentar as dificuldades de aprendizagem, promovendo uma concepção do ser humano que transforma a atitude em relação a essas dificuldades. As técnicas projetivas psicopedagógicas permitem analisar como a história de vida do indivíduo influencia seu processo de aprendizagem. Por exemplo, a técnica do desenho da Família Educativa visa estudar a relação entre o aprendizado e as dinâmicas familiares⁵⁹².

A compreensão de que o conhecimento não se resume a uma simples aquisição baseada em informação e que aprender envolve a construção gradual e autônoma do conhecimento alivia a criança da culpa por eventuais dificuldades de aprendizagem. É fundamental reconhecer que aprender é um processo contínuo que envolve a capacidade do indivíduo de construir seu próprio entendimento ao longo do tempo⁵⁹³.

Quando os pais buscam apoio educacional ou religioso para seus filhos, muitas vezes estão tentando resolver uma dificuldade de aprendizagem em uma área específica do conhecimento. No entanto, é crucial considerar que essa dificuldade está inserida em um sistema cognitivo complexo com mecanismos específicos de funcionamento. Ignorar esse aspecto implica negligenciar anos de pesquisa sobre o funcionamento desse sistema e suas nuances⁵⁹⁴.

Além disso, é fundamental documentar os resultados obtidos durante a intervenção, permitindo uma reflexão crítica sobre o trabalho realizado. Isso é essencial para garantir a qualidade e a eficácia da intervenção, seja ela realizada no contexto escolar para reduzir a desadaptação acadêmica ou em outros cenários. É crucial compreender não apenas os resultados dos alunos, mas também o processo de

⁵⁹⁰ CUNHA, 2000, p. 87.

⁵⁹¹ MITTLER, Peter. Educação inclusiva: contextos sociais. In: *Preparando todos os professores para ensinar a todos os alunos*. São Paulo: Artmed, 2003.

⁵⁹² WILLIAMS, C., WRUGHT, E. *Convivendo com o autismo e a síndrome de Asperger*. São Paulo: M. Books, 2008.

⁵⁹³ PALHARES, Marina Silveira e MARINE, Simone. *Escola Inclusiva*. São Carlos: EduFScar, 2002.

⁵⁹⁴ ROMERO, Priscila. *O aluno autista*. Rio de Janeiro: WAK, 2016.

produção, identificando onde e como ocorrem os erros.

De acordo com Weiss:

A busca da ajuda e o início do atendimento, já é em si, uma intervenção na dinâmica familiar em relação à aprendizagem de vida. No mínimo se processa uma reflexão dos pais, num mergulho ao passado, buscando o início da vida do paciente, o que inclui espontaneamente uma volta à própria vida da família como um todo.⁵⁹⁵

Certas abordagens, como a utilização de jogos, atividades lúdicas e dramatizações, também têm o potencial de levar o aluno a refletir sobre seus erros e a adotar novas abordagens. Nos jogos, comuns no ensino religioso, um movimento equivocado pode se transformar em uma oportunidade de aprendizado valiosa. Corrigir um erro envolve a comparação de diferentes hipóteses, a análise de suas consequências e, assim, abre espaço para o desenvolvimento de novas ideias e conhecimentos.

Ao planejar intervenções, é fundamental evitar a proposição de mudanças amplas e ambiciosas. Pequenas modificações têm o potencial de gerar efeitos mais consistentes e seguros. Conforme destacado por Weiss, a seguir estão algumas sugestões que podem ser consideradas durante o processo de intervenção:

- Atuar na modificação das expectativas e atitudes dos professores diante do insucesso escolar dos alunos.
- Estimular a formação de equipe de professores para formar um projeto comum, uma escola mais democrática para redução dos problemas de ensino-aprendizagem.
- Considerar o meio social de origem dos alunos como ponto de partida na reelaboração dos conteúdos.
- Estudar as características sócio-culturais e psicológicas das crianças.
- Releitura e reelaboração no desenvolvimento das programações curriculares.
- Avaliação psicopedagógica não padronizada.
- Mediação adequada contribuindo para que o aprendiz consiga refletir sobre sua ação e possa modificá-la.
- É necessário o estabelecimento, como em qualquer situação, de um bom vínculo sem o qual não há condição para o desenvolvimento.⁵⁹⁶

Estas e outras considerações levam a novas construções, visando constantemente contribuir para o diagnóstico e as intervenções psicopedagógicas no contexto escolar. O estudo revela que a psicopedagogia, apesar de sua amplitude e complexidade, está progredindo significativamente na busca por uma identidade distinta, ações específicas, fundamentos teóricos e aplicabilidade. Embora seja um campo relativamente novo, a psicopedagogia é respaldada por diversas disciplinas científicas⁵⁹⁷.

⁵⁹⁵ WEISS, M^a Lúcia L. *Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar*. Rio de Janeiro: DP & A, 1997, p. 48.

⁵⁹⁶ WEISS, 1997, p. 49.

⁵⁹⁷ ALMEIDA, Mariangela Lima de, MARTINS, Ines de Oliveira Ramos. *Prática pedagógica inclusiva: a diferença como possibilidade*. Vitória: GM: 2009, p. 67.

A evolução da psicopedagogia no Brasil reflete a necessidade de lidar com o problema do fracasso escolar. Inicialmente, seu foco estava nos sintomas das dificuldades de aprendizagem, como desatenção, desinteresse, lentidão e astenia. Seu objetivo era remediar esses sintomas, tratando as dificuldades de aprendizagem como um mero mau desempenho a ser corrigido. Nesse contexto, a psicologia e a pedagogia eram vistas como elementos independentes, com a psicologia atuando principalmente como promotora, normativa e reguladora da vida intelectual⁵⁹⁸.

Portanto, a investigação, análise e desenvolvimento de novas abordagens para a transformação são aspectos essenciais aos quais o ensino religioso se dedica. É desejável que as escolas possam contar com profissionais preparados para repensar essas questões e intervir de forma a prevenir problemas educacionais.

1.3 A formação e preparação do professor de ensino religioso ao lidar com o aluno autista na escola

A formação e preparação dos professores de ensino religioso desempenham um papel crucial na identificação de características específicas no comportamento dos alunos. Esse fator pode fazer uma enorme diferença, pois permite uma intervenção precoce que promove maior independência e qualidade de vida, independentemente do grau de autismo do aluno.

O ambiente escolar se destaca como o local ideal para observações precisas. Em qualquer intervenção, é essencial que os professores estejam cientes das capacidades educacionais de seus alunos, mesmo quando eles inicialmente demonstram dificuldades de adaptação.

Para alcançar esse objetivo, é fundamental selecionar métodos eficazes que tornem o currículo escolar compatível com as necessidades de cada aluno. As dificuldades enfrentadas pelos professores de ensino religioso ao lidar com alunos autistas costumam ser consideráveis e podem se manifestar como ansiedade e conflito ao enfrentar o que é percebido como "diferente"⁵⁹⁹.

Nesse contexto, o primeiro passo é adquirir conhecimento sobre os conceitos gerais e entender as características das pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) para, a partir disso, planejar avaliações e intervenções que atendam às necessidades de aprendizado desses alunos. O autismo tem sido objeto de crescente estudo e questionamento, mas ainda permanece desconhecido por muitos educadores. É importante reconhecer que o espectro do autismo abrange uma ampla gama de níveis de suporte e sintomas que se manifestam na infância⁶⁰⁰.

É fundamental compreender como os alunos com autismo se comunicam, se comportam, sentem, percebem o mundo ao seu redor e, acima de tudo, como aprendem. Um ponto crucial a ser considerado é o da mediação, um processo de intervenção pedagógica que pode ser abordada pelo professor de ensino religiosa, que visa aprimorar a relação do aluno com o conhecimento, promovendo a interação. A mediação transforma a intenção de ensinar em prática docente e a disposição de aprender em efetiva aprendizagem.

Portanto, na mediação, os professores utilizam atividades que se alinham com o perfil de cada aluno, considerando suas qualidades, dificuldades, carências e desafios.

⁵⁹⁸ FALCÃO, Gérson Marinho. *Psicologia da aprendizagem*. 3 ed. São Paulo: Ática, 1986, p. 38.

⁵⁹⁹ BRITO, 2019, p. 56.

⁶⁰⁰ CUNHA, Eugênio. *Autismo na Escola*. Rio de Janeiro: WAK, 2013.

Além disso, a mediação tem um caráter avaliativo, uma vez que cada tarefa superada abre caminho para novos objetivos e, conseqüentemente, novas avaliações. A mediação é um movimento pedagógico que requer constante observação e avaliação, e a prática pedagógica se baseia nessa interação entre essas três ações fundamentais⁶⁰¹.

2. Resultado e discussão

2.1 O ensino religioso e sua relação com o autismo

No âmbito do ensino religioso, é essencial considerar diversos aspectos antes de abordar um caso específico. Isso inclui avaliar o estágio de desenvolvimento da escola à qual o aluno está vinculado, a percepção da escola sobre o aluno, os temas transversais abordados, o currículo, os critérios de avaliação e o projeto pedagógico em vigor. O professor de ensino religioso é um profissional dedicado a apoiar instituições de ensino, com o objetivo de auxiliar outros profissionais e proporcionar um entendimento mais profundo da complexidade do processo de ensino e aprendizagem⁶⁰².

Quando uma escola encaminha um aluno autista para atendimento educacional especializado, é comum envolver não apenas profissionais de Educação Especial, mas também o professor de ensino religioso, a fim de fornecer atenção individualizada a esse aluno. Isso se deve, em parte, ao fato de que pessoas com autismo podem ter menos controle sobre seus impulsos, especialmente quando são afetadas por estímulos externos. É crucial criar oportunidades para que esses alunos desenvolvam habilidades para superar esses desafios. Para identificar essas oportunidades, é necessário um olhar atento e observação detalhada⁶⁰³.

A avaliação, antes de ser uma simples atribuição de valor, representa uma ação objetiva destinada a compreender o comportamento do aluno diante das estratégias de ensino e aprendizagem de forma inclusiva, na qual permite verificar o desempenho do aluno, sendo fundamental para o planejamento de etapas subsequentes⁶⁰⁴.

De acordo com Ferreira, o ensino religioso busca não apenas melhorar o desempenho acadêmico, mas também promover o florescimento de novas necessidades e estimular o desejo de aprender. No entanto, é importante reconhecer que os professores de ensino religioso têm limitações em sua área de atuação e não podem abranger todos os aspectos pedagógicos, psicológicos, neurológicos, fonoaudiológicos, psicolinguísticos e outros relacionados à psicopedagogia⁶⁰⁵.

O professor de ensino religioso desempenha um papel fundamental como um componente curricular da rede de apoio social na escola, facilitando a adaptação dos alunos com TEA. Sua preparação também deve incluir a capacidade de atender crianças e adolescentes com dificuldades de aprendizagem, contribuindo para a prevenção e intervenção no processo de ensino desses alunos. Portanto, o professor de

⁶⁰¹ CUNHA, Marcus Vinicius da. *Psicologia da educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

⁶⁰² SANTOS, Rogério Augusto dos. *O Ensino religioso na instituição escolar: Intervenções Psicopedagógicas no processo de ensino-aprendizagem*. 2012. Disponível em http://www.psicopedagogiabrasil.com.br/artigos_rogerio_pp_institucional.htm. Acesso em 2 de setembro de 2021.

⁶⁰³ ASSUMPÇÃO JUNIOR; KUCZYNSKI, 2018, p. 56.

⁶⁰⁴ ASSUMPÇÃO JUNIOR; KUCZYNSKI, 2018, p. 67.

⁶⁰⁵ FERREIRA, Maria Clotilde Rossetti. *Os fazeres na Educação Infantil*. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2003, p. 141.

ensino religioso se torna um elo essencial no processo de aprendizagem quando a escola encaminha um aluno com autismo para atendimento educacional especializado, pois o ensino religioso, trabalha os valores fenomenológicos da religião de forma inclusiva. Ao se trabalhar a vasta fenomenologia religiosa brasileira, automaticamente, trabalha-se o respeito às diferenças e amparando todas as demandas socioculturais existentes, em especial, as deficiências e comorbidades do aluno com TEA (Transtorno do Espectro Autista)⁶⁰⁶.

Além disso, é papel do professor de ensino religioso estar devidamente preparado para atender crianças e adolescentes que enfrentam dificuldades de aprendizagem, com o objetivo de prevenir problemas e intervir no processo de ensino desses alunos de forma inclusiva, sem diferenciá-los, independente de razões sociais ou deficiência, tornando o professor de ensino religioso um elo fundamental no processo de aprendizagem⁶⁰⁷.

Crianças, jovens e adultos com autismo, frequentemente têm menos controle sobre seus impulsos quando são fortemente afetadas por estímulos externos. Portanto, é crucial criar oportunidades para que essas pessoas desenvolvam estratégias para superar esses desafios. Essa busca por oportunidades e a revelação delas exigem uma observação atenta e detalhada.

Assim como, na avaliação, antes de ser apenas uma atribuição de valor, representa uma ação objetiva destinada a compreender o comportamento do aluno em relação às estratégias de ensino e aprendizagem. Ela permite verificar o desempenho do aluno e é essencial para planejar os próximos passos no processo educacional de forma inclusiva, inserindo o aluno com TEA sem prejuízos para o seu processo de ensino aprendizagem.⁶⁰⁸

2.2 Redes de Apoio Social

A rede de apoio social é uma combinação dos conceitos de “rede social” e “apoio social”, ambos interligados, mas com distinções próprias. A rede social, conforme definida por Dessen, é um sistema composto por diversos elementos sociais, como pessoas, funções (ou atividades realizadas por essas pessoas) e contextos, que oferecem apoio em várias formas, como recursos financeiros, empatia emocional e orientações e informações, para atender às necessidades do indivíduo. A rede social abrange instituições como escolas, universidades, o Estado, unidades de saúde e todas as outras organizações que contribuem socialmente para o bem-estar do indivíduo⁶⁰⁹.

O apoio social fornecido pelas redes envolve o suporte mútuo, que se fortalece quando a rede social é coesa e integrada. Isso inclui compartilhar informações, auxiliar em momentos de dificuldade e participar de eventos sociais. O envolvimento na comunidade, por exemplo, pode impactar positivamente a autoconfiança, a satisfação com a vida e a capacidade de lidar com desafios. No contexto de doenças, o apoio social disponível motiva a vontade de viver e eleva a autoestima, contribuindo para o sucesso do tratamento⁶¹⁰.

⁶⁰⁶ SANTOS, 2012, p. 45.

⁶⁰⁷ SASSAKY, 1997, p. 34.

⁶⁰⁸ ASSUMPÇÃO JUNIOR; KUCZYNSKI, 2018, p. 67.

⁶⁰⁹ JULIANO, M.C.C., YUNES, M.A.M. Reflexões sobre rede de apoio social como mecanismo de proteção e promoção de resiliência. *Ambiente e Sociedade*, a. XVII, v. 3, p. 135-154, 2014.

⁶¹⁰ ROSA, T. E. D. C., & BENÍCIO, M. H. D. A. As redes sociais e de apoio: o conviver e a sua influência sobre a saúde. *BIS. Boletim do Instituto de Saúde*, v. 47, p. 80-83, 2009.

Além disso, o apoio social abrange aspectos pessoais e interações do indivíduo, moldando sua personalidade e desenvolvimento. Esse apoio emocional é mantido por laços afetivos e depende das percepções do indivíduo sobre seu ambiente social, bem como das competências e recursos disponíveis para sua proteção⁶¹¹.

A rede de apoio social, como um todo, é dinâmica e desempenha um papel crucial em todas as fases da vida de uma pessoa, influenciando sua saúde e bem-estar. Ela facilita a adaptação a situações de estresse e desequilíbrios emocionais e atua como suporte nos momentos difíceis, auxiliando na superação de desafios⁶¹².

Portanto, a eficácia da rede de apoio social se reflete na redução de sintomas psicopatológicos, como sensação de desamparo e depressão, além de fortalecer competências, como o senso de pertencimento e a qualidade dos relacionamentos. A ausência dessa rede pode aumentar a vulnerabilidade diante de situações de risco e exposição a violência, uma vez que interrupções nos vínculos afetivos e conflitos nas relações podem causar distúrbios tanto físicos quanto psicológicos, dada a necessidade intrínseca das pessoas de estabelecer vínculos afetivos estáveis⁶¹³.

2.3 Rede de apoio social e fatores de risco e proteção nas dificuldades de aprendizagem de alunos com TEA

A qualidade das interações em diferentes contextos sociais é um fator determinante para a saúde física e emocional das pessoas, podendo influenciar positiva ou negativamente suas vidas. Essas interações podem ser consideradas como fatores de risco ou proteção ao longo da vida dos indivíduos⁶¹⁴.

Os fatores de risco são eventos estressantes que, quando presentes, aumentam a probabilidade de uma pessoa enfrentar problemas emocionais, sociais e físicos. Importante destacar que esses fatores não se limitam à família. Embora a família seja uma rede de apoio fundamental na infância, outras influências e contextos ecológicos interagem ao longo do ciclo de vida, conforme observado na análise de Bronfenbrenner⁶¹⁵.

Em alguns casos, esses fatores podem afetar o desenvolvimento de crianças, prejudicando aspectos cognitivos, emocionais e sociais. Por exemplo, pais com baixa escolaridade podem não perceber o valor da educação e, conseqüentemente, não encorajar seus filhos a se dedicarem aos estudos. Isso pode ser particularmente crítico para crianças com dificuldades de aprendizagem, dadas as circunstâncias de vulnerabilidade social em que vivem⁶¹⁶.

Crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social experimentam as conseqüências negativas das desigualdades sociais, incluindo pobreza, exclusão social e falta de acesso a educação, trabalho, saúde, lazer, alimentação e cultura. Esses

⁶¹¹ SEIBEL, Bruna Larissa, Falceto, Olga Garcia, Hollist, Cody Stonewall, Springer, Paul, Fernandes, Carmen Luiza Corrêa, Koller, Silvia Helena. Rede de apoio social e funcionamento familiar: estudo longitudinal sobre famílias em vulnerabilidade social. *Pensando famílias*, v. 21, n. 1, p. 120-136, 2017.

⁶¹² JULIANO; YUNES, 2014, p. 59.

⁶¹³ JULIANO; YUNES, 2014, p. 62.

⁶¹⁴ YUNES, M. A. M., GARCIA, N. M., & ALBUQUERQUE, B. D. M. Monoparentalidade, pobreza e resiliência: entre as crenças dos profissionais e as possibilidades da convivência familiar. 2007.

⁶¹⁵ SIMÃO, A.M.V., & FRISON, L.M.B. Autorregulação da aprendizagem: abordagens teóricas e desafios para as práticas em contextos educativos. *Cadernos de Educação*, v. 45, p. 02-20, 2013.

⁶¹⁶ PEREIRA, P. C., SANTOS, A. B. D., & WILLIAMS, L. C. D. A. Desempenho escolar da criança vitimizada encaminhada ao fórum judicial. *Psicologia: Teoria e pesquisa*, v. 25, n. 1, p. 19-28, 2009.

desafios aumentam a probabilidade de enfrentarem problemas de desempenho escolar e comportamentais⁶¹⁷.

A escola desempenha um papel crucial no desenvolvimento de crianças e adolescentes, uma vez que é o local onde passam grande parte de suas vidas e interagem com diversos colegas. Além da família, a escola contribui para a humanização, educação, autonomia e senso de pertencimento ao grupo social⁶¹⁸.

É fundamental que educadores, pais e amigos compreendam os processos de aprendizagem e evitem tabus e estereótipos ao lidar com crianças que enfrentam dificuldades nessa área. O apoio de psicólogos e profissionais da área escolar é valioso para orientar não apenas as crianças, mas também os pais e professores⁶¹⁹. Educadores, familiares e amigos que não sabem lidar com uma criança com dificuldade de aprendizagem podem causar-lhe problemas muito maiores, por essas e outras é muito importante que o psicólogo, que trabalha voltado na área escolar, busque informações para aprender como ajudar não só a estas crianças, mas também aos pais e professores.

Nesse contexto, as redes de apoio social desempenham um papel crucial, especialmente para crianças com dificuldades de aprendizagem. O apoio emocional ajuda essas crianças a desenvolver autoestima e competência. A responsabilidade recai sobre a família e a escola⁶²⁰.

Portanto, os laços sociais duradouros são essenciais para oferecer ajuda em momentos de necessidade e ajudar as pessoas a enfrentar crises. A biologia humana e as interações sociais estão interligadas, e esses aspectos biológicos e ambientais podem atuar como fatores protetores e promotores de resiliência⁶²¹.

Considerações finais

Após a conclusão deste estudo, tornou-se evidente que as redes sociais desempenham um papel significativo no apoio às famílias que enfrentam vulnerabilidade social, impactando o desenvolvimento e o bem-estar das pessoas ao longo de suas vidas, em especial, crianças, jovens e adultos com autismo. A rede de apoio social compreende sistemas e pessoas significativas que formam os elos de relacionamento percebidos e recebidos pelo indivíduo.

O ensino religioso desempenha um papel na educação e na rede de apoio social, ao contribuir para a redução do fracasso escolar e social. Isso é alcançado por meio do apoio aos pais, professores e alunos, incentivando o desenvolvimento conjunto. Observa-se que o trabalho psicopedagógico tem um foco maior na realidade cotidiana da escola, e o encaminhamento para consultório ocorre principalmente quando o

⁶¹⁷ FERREIRA, Marlene de Cássia Trivellato, & Marturano, Edna Maria. Ambiente familiar e os problemas do comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 15, n. 1, p. 35-44, 2002.

⁶¹⁸ ANDRADE, S.A., Santos, D.N., Bastos, A.C., Pedromônico, M.R.M., Almeida-Filho, N., & Barreto, M.L. Ambiente familiar e desenvolvimento cognitivo infantil: uma abordagem epidemiológica. *Revista de saúde Pública*, v. 39, p. 606-611, 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v39n4/25533.pdf>. Acesso 2 de set. 2021.

⁶¹⁹ POLITY, E. *Dificuldade de Aprendizagem e Família: Construindo Novas Narrativas*. São Paulo: Vetor, 2001.

⁶²⁰ POLITY, 2001, p. 34.

⁶²¹ TAYLOR, Shelley. *Lazos vitales: de cómo el cuidado y el afecto son esenciales para nuestras vidas*. Madrid: Taurus; Pensamiento, 2002.

diagnóstico identifica que as dificuldades de aprendizagem estão relacionadas a questões emocionais e psicológicas.

Nesse contexto, a atuação psicopedagógica deve levar em consideração a história de vida, abrangendo não apenas as relações familiares, mas também a trajetória escolar, especialmente quando o ensino religioso está envolvido na instituição.

A educação de indivíduos com autismo exige uma abordagem multidisciplinar, com especialistas de diversas áreas trabalhando em conjunto com a escola. É importante ressaltar que a aprendizagem vai além do ambiente escolar, uma vez que os mesmos processos envolvidos na aprendizagem em sala de aula estão presentes na vida cotidiana. O papel do professor de ensino religioso é preparar os alunos para a vida, não apenas para avaliações pontuais, tornando-se, portanto, um componente curricular reflexivo para a vida toda do aluno. Isso se torna ainda mais evidente quando se trata de alunos com deficiência, em especial os autistas, pois eles necessitam de uma abordagem de aprendizagem que esteja também integrada à vida social.

Portanto, esse estudo destacou que a intervenção educativa do ensino religioso no contexto da rede social de apoio ao autismo, não se restringindo apenas ao tratamento de alunos com dificuldades específicas, mas também afetando o processo de ensino e aprendizagem como um todo. O diagnóstico psicopedagógico envolve a escola, o professor, o aluno, a família e o ensino religioso, uma vez que a dinâmica da educação é o resultado de interações complexas entre esses diferentes grupos.

Referências

ALMEIDA, Mariangela Lima de, MARTINS, Ines de Oliveira Ramos. *Prática pedagógica inclusiva: a diferença como possibilidade*. Vitória: GM: 2009.

ANDRADE, S.A., SANTOS, D.N., BASTOS, A.C., PEDROMÔNICO, M.R.M., ALMEIDA-FILHO, N., BARRETO, M.L. Ambiente familiar e desenvolvimento cognitivo infantil: uma abordagem epidemiológica. *Revista de saúde Pública*, v. 39, p. 606-611, 2005.

ASSUMPCÃO JUNIOR, Francisco Baptista; KUCZYNSKI, Evelyn. *Autismo Infantil*. 2 ed. São Paulo: Atheneu, 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA)*. Brasília: MS, 2013.

BRITO, Maria Claudia. *Estratégias Práticas de Intervenção nos Transtornos do Espectro do Autismo*. Saber Autismo, 2019.

BRITTO, R., KOLLER, S. H. *Desenvolvimento humano e redes de apoio social e afetivo*. In A. M. Carvalho (ed.). *O mundo social da criança: natureza e cultura em ação*. São Paulo, Brasil: Casa do Psicólogo, 1999, p. 115-129.

BRONFENBRENNER, U. *A ecologia do desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artes

CUNHA, Eugênio. *Autismo e Inclusão*. 3. Ed. Rio de Janeiro: WAK, 2011.

CUNHA, Eugênio. *Autismo na Escola*. Rio de Janeiro: WAK, 2013.

CUNHA, Eugênio. *Práticas Pedagógicas para Inclusão e Diversidade*. Rio de Janeiro: WAK, 2014.

- CUNHA, Marcus Vinicius da. *Psicologia da educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- DSM-5. *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- EVANGELISTA, V.M.A., CONSTANTINO, E.P. A relevância das redes de apoio social na infância. *Estudos*, v. 17, p. 217-232, 2013.
- FALCÃO, Gérson Marinho. *Psicologia da aprendizagem*. 3 ed. São Paulo: Ática, 1986.
- FELIPE, S.M., BENEVENUTTI, Z.S. Dificuldade de Aprendizagem. *Maiêutica*, v. 1, n. 1, p. 61-64, 2013.
- FERREIRA, Maria Clotilde Rossetti. *Os fazeres na Educação Infantil*. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- FERREIRA, Marlene de Cássia Trivellato, MARTURANO, Edna Maria. Ambiente familiar e os problemas do comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 15, n. 1, p. 35-44, 2002.
- JULIANO, M.C.C., YUNES, M.A.M. Reflexões sobre rede de apoio social como mecanismo de proteção e promoção de resiliência. *Ambiente e Sociedade*, v. XVII, n. 3, p. 135-154, 2014.
- MANTOAN, Maria Tereza Eglér. *Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?* São Paulo: Moderna, 2003.
- MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. *Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados*. São Paulo: Atlas, 2007.
- MITTLER, Peter. Educação inclusiva: contextos sociais. In: *Preparando todos os professores para ensinar a todos os alunos*. São Paulo: Artmed, 2003.
- OHLWEILER, L. Introdução aos transtornos da aprendizagem. In: ROTTA, N.T., OHLWEILER, L., RIESGO, R.S (orgs.). *Transtornos da aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar*. Porto Alegre: Artmed, 2016.
- PALHARES, Marina Silveira; MARINE, Simone. *Escola Inclusiva*. São Carlos: EduFScar, 2002.
- PEREIRA, P. C., SANTOS, A. B. D., WILLIAMS, L. C. D. A. Desempenho escolar da criança vitimizada encaminhada ao fórum judicial. *Psicologia: Teoria e pesquisa*, v. 25, n. 1, p. 19-28, 2009.
- PIASSA, Ângela Maria. *Metodologia da ação docente: transtornos globais do desenvolvimento - TGD*. ESAP, 2010.
- POLITY, E. *Dificuldade de aprendizagem e família: construindo novas narrativas*. São Paulo: Vetor, 2001.
- ROMERO, Priscila. *O aluno autista*. Rio de Janeiro: WAK, 2016.
- ROSA, T. E. D. C., BENÍCIO, M. H. D. A. As redes sociais e de apoio: o conviver e a sua influência sobre a saúde. *BIS. Boletim do Instituto de Saúde*, v. 47, p. 80-83, 2009.
- SANTOS, Rogério Augusto dos. *O Ensino religioso na instituição escolar: Intervenções*



Psicopedagógicas no processo de ensino-aprendizagem, 2012.

SIMÃO, A.M.V., FRISON, L.M.B. Autorregulação da aprendizagem: abordagens teóricas e desafios para as práticas em contextos educativos. *Cadernos de Educação*, v. 45, p. 02-20, 2013.

SIQUEIRA, Aline Cardoso; BETTS, Mariana Kraemer; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. A rede de apoio social e afetivo de adolescentes institucionalizados no sul do Brasil. *Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology*, v. 40, n. 2, p. 149-158, 2006.

TAYLOR, Shelley. *Lazos vitales: de cómo el cuidado y el afecto son esenciales para nuestras vidas*. Madrid: Taurus; Pensamiento, 2002.

WEISS, M^a Lúcia L. - *Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar*. Rio de Janeiro: DP & A, 1997.

WILLIAMS, C., WRUGHT, E. *Convivendo com o autismo e a síndrome de Asperger*, São Paulo: M. Books, 2008.

YUNES, M. A. M., GARCIA, N. M., ALBUQUERQUE, B. D. M. *Monoparentalidade, pobreza e resiliência: entre as crenças dos profissionais e as possibilidades da convivência familiar*, 2007.